

CODEPENDÊNCIA ENTRE FAMÍLIAS DE USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: DE FATO UMA DOENÇA?

CODEPENDENCY IN FAMILIES OF ALCOHOL AND OTHER DRUG USERS: IS IT IN FACT A DISEASE?

Resumo

O conceito de codependência, embora muito popular no meio clínico do campo das dependências químicas, segue sendo considerado um constructo muito criticado e controverso no meio científico. Nosso objetivo foi avaliar o estado da arte sobre o constructo de codependência de familiares de usuários de álcool e outras drogas quanto à etiologia e outros possíveis fatores relacionados. Trata-se de uma revisão da literatura através da busca de artigos indexados em bases de dados, publicados nos idiomas inglês, português e espanhol, utilizando-se os descritores codependência, transtornos relacionados ao uso de substâncias e família. Foram incluídos 16 artigos nesta revisão, os quais retratam que o conceito de codependência segue teorizado e pouco explorado de forma empírica. Tentativas de escalas de rastreio foram realizadas sem replicações de estudos de campo. De uma forma geral, aqueles que se autoidentificam como pessoas codependentes, uma vez que recebem suporte, relatam alguns benefícios positivos. O termo, mais do que um conceito psicológico de fato validado, parece representar um movimento social que deu empoderamento aos membros das famílias de usuários de álcool e outras drogas. Mais estudos de campo sobre a validação conceitual da codependência e os fatores a ela relacionados devem ser conduzidos, a fim de corroborar sua real utilidade clínica e ampliação de evidência da existência desse fenômeno.

Palavras-chave: Codependência, transtornos relacionados ao uso de substâncias, família.

Abstract

The concept of codependency is very popular in the clinical setting in the field of addiction but continues to be a highly criticized and controversial construct in the scientific literature. The objective of this paper was to evaluate state-of-the-art information on the construct of codependency of family members of users of alcohol and other drugs with regard to etiology and other possible related factors. In this literature review, databases were searched for indexed articles published in English, Portuguese, and Spanish, using the keywords codependency, substance-related disorders, and family. A total of 16 articles were included in the review; according to these articles, the concept of codependency continues to be essentially theoretical and little explored empirically. Attempts have been made to use screening scales, but replication in field studies are lacking. Overall, individuals who self-identify as codependent report positive benefits – probably because they receive support. The term codependency, more than a validated psychological concept, seems to represent a social movement that has empowered family members of users of alcohol and other drugs. More field studies are necessary to achieve the conceptual validation of codependency, as well as to investigate factors related to it. Only then will the real clinical usefulness of this phenomenon be confirmed, and the body of evidence of its existence expanded.

Keywords: Codependency, substance-related disorders, family.

¹ Psiquiatra e educadora sexual. Departamento de Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP. Instituto Américo Bairral de Psiquiatria, Itapira, SP. ² Assistente social. Especialista em Dependência Química pela UNIFESP, São Paulo, SP. Instituto Américo Bairral de Psiquiatria, Itapira, SP.

INTRODUÇÃO

Vários estudos têm demonstrado que a dependência de substâncias psicoativas e suas consequências são um grave problema de saúde pública em vários locais do mundo, com grande impacto social e econômico para os países¹, os quais afetam não somente o indivíduo que usa álcool e drogas, mas também todo o seu núcleo familiar²⁻⁴.

Em termos da proporção dessa interferência familiar do consumo de álcool e drogas, chama a atenção o fato de que mais de 25 milhões de indivíduos brasileiros habitam com um membro usuário de substâncias psicoativas, segundo informações do Levantamento Nacional de Famílias de Dependentes Químicos (amostra com 3.153 famílias), cujas informações foram divulgadas em 2013 pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Os dados dessa pesquisa confirmam a interferência da vulnerabilidade social presente nos lares, tanto para um indivíduo como para todo o núcleo familiar, visto que, para cada dependente, há outras quatro pessoas convivendo com o problema dentro de casa⁵.

Assim sendo, a família exerce um papel crucial tanto para o campo preventivo como para o domínio das intervenções terapêuticas associadas aos transtornos decorrentes do consumo de álcool e outras substâncias psicoativas. Isso porque ora a família pode induzir riscos, ora pode servir como um sistema encorajador e protetor, tanto na iniciação e experimentação de substâncias psicoativas como no processo de recuperação para aqueles que já adoeceram devido ao consumo^{6,7}.

A busca pelo entendimento do impacto das relações entre familiares de dependentes químicos, de como elas se constroem e, a partir delas, quais são os resultados gerados de origem, em meados dos anos 70, a uma tentativa de definir um fenômeno comportamental caracterizado por uma extrema dedicação em cuidar, bem como de “salvar” o membro da família envolvido no consumo de substâncias psicoativas, os quais chegam a adquirir características e comportamentos tão disfuncionais quanto aqueles observados pelo membro da família dependente de álcool e outras drogas⁸.

Tal fenômeno foi denominado de codependência⁹. O constructo inicialmente foi utilizado para descrever a pessoa, parente ou amigo, que tem uma relação direta e íntima com um dependente de álcool e o torna mais

propenso à manutenção da dependência química⁸. A partir de uma perspectiva de intercâmbio social e da teoria da aprendizagem, argumenta-se que os tipos de estratégias de controle que os codependentes utilizam não são apenas ineficazes, mas eles realmente funcionam para reforçar a probabilidade do abuso de substâncias ser repetido no futuro, principalmente através dos tipos de comunicação negativa entre os envolvidos^{8,10}. Argumenta-se que a natureza paradoxal da estrutura de poder dentro do relacionamento do codependente e seus familiares usuários de álcool e/ou drogas coloca limites sobre os tipos de estratégias de controle que codependentes podem utilizar em suas tentativas de extinguir o comportamento do consumo de substâncias do seu parceiro ou de sua parceira¹⁰.

Apesar de a terminologia codependência ter adquirido muito rapidamente um espaço no campo das dependências químicas¹¹, ser amplamente utilizada e extremamente popular, observa-se, ainda nos dias atuais, que a mesma segue sendo considerada um constructo muito criticado e controverso no meio científico. Isso porque parece existir uma carência de pesquisas destinadas a promover a validação da codependência enquanto conceito ou constructo psicológico, existindo mais no campo teórico do que no empírico, que possa corroborar de fato sua utilidade clínica e a ampliação de evidência da existência desse comportamento, o qual foi primeiramente descrito em esposas de dependentes de álcool¹²⁻¹⁴.

Muitas outras definições de codependência vêm sendo realizadas, como por exemplo: a codependência como um sistema de vida que emerge em famílias disfuncionais de origem, produzindo uma estagnação no desenvolvimento e nos resultados dos processos de interação dessa família; como uma pessoa que tem uma reação exagerada ao exterior e com baixa sensibilidade interna para solucionar problemas⁸; como um comportamento de uma pessoa essencialmente “normal” que faz um esforço para se ajustar a um cônjuge e a um evento de vida estressante; ou, ainda, como um padrão de dependência dolorosa sobre os outros, comportamentos compulsivos na busca de aprovação, para tentar encontrar segurança, autoestima e identidade. Também tem sido definida como um padrão de comportamento atrelado a traços de personalidade

claramente identificáveis de um membro da família que tem um dos entes afetado por dependência de substâncias psicoativas¹⁵. Outra definição encontrada na literatura e bastante utilizada por profissionais da área é que se trata de uma doença primária presente em todos os membros da família que têm um dependente químico em seu seio, com manifestações psicossomáticas, o que pode muitas vezes ter um prognóstico pior do que a própria dependência química. Codependência também se define como uma característica emocional e psicológica do comportamento que ocorre como consequência de um conjunto opressivo de regras que impedem a manifestação aberta de sentimentos e o diálogo sobre problemas pessoais e interpessoais¹⁴. Também o termo codependência foi definido como uma condição para o vínculo que se manifesta pela tendência excessiva em “carregar” ou cuidar de outros. Trata-se de um padrão na realização de autonomia e identidade. O conceito de codependência tem sido usado também para descrever um padrão exagerado de dependência que faz com que o indivíduo, em detrimento de si mesmo, acabe desequilibrando sua própria vida pessoal, familiar, de trabalho e áreas sociais, com prejuízo de sua própria identidade¹⁶. O codependente, em geral, tende a perder o controle de sua própria vida e de seus limites, investindo toda a sua energia em ser útil e pertencer à vida do outro⁸.

Ao mesmo tempo em que muitas tentativas de definições foram formuladas, resultados empíricos adquiridos através da investigação científica têm levantado dúvidas sobre a validade do conceito e do constructo¹⁷. O psicólogo Dr. Robert Westermeyer, em texto de publicação não indexada, fez uma crítica bastante severa ao conceito de codependência em artigo que intitulou “The codependency idea: when caring becomes a disease”, o qual, na tradução literal quer dizer “A ideia da codependência: quando cuidar tornou-se uma doença”. Ele afirma que o termo codependência para ele é uma das “mais confusas e iatrogênicas ideias no reino da psicologia clínica”. O autor justifica reforçando o que outros autores já haviam mencionado com relação ao fato de não haver estudos empíricos suficientes sobre a temática e a carência de cientificidade avaliando essa condição e a terminologia. Ele critica dizendo que a ideia da codependência tende a patologizar uma tendência

natural de cuidar dos outros. Também critica o fato de que cuidar da parceria é de algum modo responsável pela manutenção do “comportamento adicto” do outro¹⁸.

Outros críticos argumentam que o modo como este fenômeno vem sendo conceituado e, sobretudo, utilizado pelos conselheiros em dependência química e grupos de mútua ajuda tende a colocar um holofote sobre a questão, de forma a patologizar um comportamento interpessoal ou de “medicalizar” um comportamento dito “desviante”, principalmente de mulheres (esposas de dependentes de álcool), diminuindo a identidade feminina e reforçando uma cultura sexista e de vitimização, o que, em geral, tende a aumentar a estigmatização da condição, sobretudo das mulheres esposas de usuários de álcool e outras drogas^{19,20}.

Por outro lado, o modelo de codependência praticado e amplamente difundido pelos grupos de mútua ajuda destinados a acolher familiares de dependentes químicos, como, por exemplo, o Al-Anon, Nar-Anon e o Alateen, tem se mostrado uma ferramenta importante²¹⁻²⁴, que promove segurança, estabilidade e esperança às famílias cujos membros são portadores da síndrome de dependência ao álcool. Além disso, tende a fornecer suporte social e eficácia no potencial para mudar o comportamento do bebedor e do uso de drogas²⁵⁻²⁹.

Portanto, justifica-se a importância de conduzir uma revisão da literatura na tentativa de verificar qual é o estado da arte tanto do conceito quanto da etiologia e de outros fatores relacionados ao constructo codependência entre familiares de usuários de álcool e outras drogas, sendo este o objetivo deste estudo.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão da literatura realizada através da busca de artigos científicos nas bases de dados LILACS, MEDLINE, PubMed e SCIELO utilizando os seguintes descritores combinados: no idioma português, codependência, família, transtornos relacionados ao uso de substâncias; no idioma inglês, *codependency*, *substance-related disorders*, *family*; e em espanhol, combinados e separados com *codependencia*, *trastornos relacionados con sustancias*, *familia*. Foram selecionados artigos publicados na década de 1980, quando o conceito de codependência começou a ser difundido, até 2016, nos idiomas português, inglês e espanhol, indexados nas

¹ Psiquiatra e educadora sexual. Departamento de Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP. Instituto Américo Bairral de Psiquiatria, Itapira, SP. ² Assistente social. Especialista em Dependência Química pela UNIFESP, São Paulo, SP. Instituto Américo Bairral de Psiquiatria, Itapira, SP.

bases de dados mencionadas. Foram utilizados como critérios de inclusão: artigos que retrataram aspectos relacionados ao termo codependência em usuários de substâncias psicoativas e algum envolvimento de análise de famílias. Foram utilizados como critérios de exclusão: artigos que versavam sobre outras morbidades que não a dependência de substâncias, como, por exemplo, jogo patológico ou dependência de sexo; artigos que não tivessem o *abstract* nos idiomas mencionados; e artigos que avaliaram codependência em profissionais da saúde.

A busca de artigos foi realizada no período de agosto de 2015 a julho de 2016.

RESULTADOS

Foram rastreados potenciais 55 artigos, sendo incluídos nesta revisão 16 artigos que preencheram os critérios de inclusão e exclusão mencionados para esta revisão^{8,9,14,17,30-41}. A Tabela 1 mostra os artigos incluídos, suas respectivas metodologias e os principais achados e comentários dos estudos avaliados.

Tabela 1 - Metodologia e principais achados dos estudos selecionados sobre codependência entre familiares de usuários de álcool e outras drogas (2016)

Autores	Ano	Metodologia	Principais achados	Comentários
Knapek & Kuritárné Szabó ¹⁴	2014	Revisão da literatura	<ul style="list-style-type: none"> - A codependência varia num espectro de gravidade entre psicopatologia da personalidade, dependência comportamental ou "comportamento feminino excessivo". - Etiologia ligada a hipóteses de insuficiência do córtex pré-frontal para inibir respostas empáticas, multiplicidade de experiências aversivas em uma família disfuncional, alterações na percepção do papel de mulher. 	<ul style="list-style-type: none"> - Homens também podem se tornar codependentes. - Condição sub-reconhecida. - Pode cursar com sintomas depressivos e mascarar a necessidade de receber atenção também para a codependência.
Noriega et al. ³⁰	2008	Estudo de corte transversal com 845 mulheres	<ul style="list-style-type: none"> - 25% da amostra foi positiva para codependência. - As mulheres com um roteiro cultural de submissão foram oito vezes mais propensas a desenvolver codependência do que aqueles sem essa programação. Fatores associados a mais chance de codependência: parceiro com dependência de álcool, pai com problemas de álcool, maus tratos físicos e sexuais pelo parceiro e história de maus tratos emocionais. 	
Dear & Roberts ³¹	2005	Revisão de quatro estudos da aplicação da escala Holyoake Codependency Index	A validade do constructo foi encontrada nos subitens da escala e demonstraram associações significativas com outras variáveis psicológicas e demográficas.	

Autores	Ano	Metodologia	Principais achados	Comentários
Rotunda et al. ³²	2003	Estudo de corte transversal com 42 indivíduos dependentes de álcool e seus familiares utilizando um instrumento chamado The Behavioral Enabling Scale	A maioria dos pacientes e parceiros relataram que o parceiro assumiu tarefas ou deveres do dependente de álcool em algum momento durante a relação, bebeu ou usou outras drogas com o paciente e mentiu ou deu desculpas para os outros para encobrir o bebedor.	
Harkness ³³	2003	Estudo piloto com amostra heterogênea de homens e mulheres	O comportamento codependente tende a amplificar a relação entre a família de origem e os problemas médicos crônicos.	
Harkness ³⁴	2001	Estudo piloto de corte transversal com pequena amostra de famílias que convivem com dependência de substâncias	Não houve associação significativa que suporte presença de dependência de substância na estrutura intrafamiliar ou o desenvolvimento de codependência entre seus membros.	
Nisikawa et al. ³⁵	1999	Estudo de corte longitudinal com 1 ano de seguimento com 105 esposas de dependentes de álcool; 87 responderam ao seguimento	Equilíbrio entre coesão familiar e capacidade de adaptação familiar esteve relacionado com maiores taxas de abstinência do parceiro.	O envolvimento excessivo das esposas com os problemas de álcool dos maridos não levou à abstinência dos mesmos. Não houve diferença entre a frequência de participação em grupos de apoio de familiares para a manutenção da abstinência do membro da família afetado pelo alcoolismo.
Teichman & Basha ³⁶	1996	Estudo de corte transversal em três comunidades terapêuticas de Israel	Houve mudanças no nível de codependência e nas percepções de suas relações familiares entre o início e as fases iniciais e tardias do tratamento dos residentes.	As associações não foram significativas.
Hinkin & Kahn ³⁷	1995	Estudo de corte transversal com 97 mulheres que conviviam com algum dependente de álcool	Os resultados revelaram níveis significativamente maiores de sintomatologia psicológica entre os indivíduos que convivem com algum dependente de álcool e têm uma história familiar de alcoolismo, os quais foram, em parte, consistentes com a sintomatologia hipotética de codependência.	
Miller ¹⁷	1994	Artigo de comentários críticos e discussão do autor sobre alguns dos problemas do modelo de doença de codependência	O entendimento do campo da codependência e sua capacidade de ajudar o cônjuge são limitadas, a menos que outras conceituações possam ser consideradas.	

¹ Psiquiatra e educadora sexual. Departamento de Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP. Instituto Américo Bairral de Psiquiatria, Itapira, SP. ² Assistente social. Especialista em Dependência Química pela UNIFESP, São Paulo, SP. Instituto Américo Bairral de Psiquiatria, Itapira, SP.

Autores	Ano	Metodologia	Principais achados	Comentários
Hawks et al. ³⁸	1994	Estudo de corte transversal com 293 adolescentes e seus pais	O número de problemas de comportamento de adolescentes esteve associado com atitude perseguidora dos pais e com sofrimento.	As associações de uso de substâncias e comportamentos problemáticos com codependência não foram moderadas por preferência religiosa ou por ser um membro de uma religião que prega a abstinência.
O'Gorman ⁹	1993	Revisão narrativa exploratória da literatura	<ul style="list-style-type: none"> - Codependência como um aprendizado no desamparo. - Empoderamento necessário para aqueles que crescem em famílias disfuncionais. 	
Izquierdo ⁸	2002	Revisão da literatura com descrição de uma metodologia de tratamento baseado na psicoterapia interpessoal	Conceituada como uma doença primária, ou uma característica de personalidade, ou uma resposta a uma situação de stress como forma de cuidar.	Etiologia multifatorial.
Hernández Castañón & Villar Luis ³⁹	2008	Revisão narrativa da literatura	A codependência está fundamentada na divisão de gêneros.	
Blanco ⁴⁰	2013	Estudos de casos de mulheres codependentes que frequentam grupos de autoajuda e sofreram violência	Resultados dialogam com a questão da resiliência e responsabilidade pela sua busca de autonomia.	
Bortolon et al. ⁴¹	2016	Estudo de corte transversal avaliando 550 famílias de usuários de álcool e outras drogas	Mães e esposas com menos de 8 anos de educação têm mais sintomas de codependência. Quanto maior o nível de codependência imposta ao familiar, maior a carga significativa sobre o bem-estar físico e emocional dos afetados, resultando em problemas de saúde, reatividade, autonegligência e responsabilidades adicionais.	

Discussão

Através da análise dos estudos incluídos nesta revisão, pode-se observar uma heterogeneidade de estudos com diferentes métodos e medidas de desfechos, onde o conceito de codependência segue um modelo teorizado. Isso significa dizer que apesar de amplamente utilizado na prática clínica de muitos serviços de atenção

aos usuários de substâncias psicoativas e popularizado entre os grupos de mútua ajuda^{23,24} para familiares cujo algum dos membros tem problemas com álcool e drogas, segue sendo um constructo pouco explorado de forma empírica e não pode ainda ser considerado de fato uma doença^{14,18}.

Apenas os estudos de Dear & Roberts³¹ demonstraram validade do constructo, mesmo com amostras pequenas de sujeitos avaliados. Hinkin & Kahn³⁷ e Bortolon et al.⁴¹ mostraram níveis significativamente maiores de sintomatologia psicológica entre os indivíduos que convivem com algum dependente de álcool e têm uma história familiar positiva de alcoolismo, os quais sugerem que os achados são parcialmente consistentes com a sintomatologia hipotética descrita para a codependência^{31,41}.

Além disso, percebe-se que os conceitos existentes de codependência dentro de um modelo de doença parecem sugerir que uma vez codependente, para sempre codependente em recuperação, não havendo uma clara noção de cura. Outras abordagens psicológicas de famílias de dependentes químicos podem compreender que existe uma diferença entre ser codependente e estar codependente, havendo uma compreensão de que tal condição faz parte de um sistema familiar e que é possível transitar para uma condição de melhora e remissão de sintomatologia^{6,7}.

Tentativas de escalas de rastreio para a codependência utilizaram a Holyoake Codependency Index, como no estudo conduzido por Dear & Roberts³¹, que mostraram validade do construto encontrada nos subitens da escala e demonstraram associações significativas com outras variáveis psicológicas e demográficas. No entanto, a replicação da utilização dessa escala em estudos de campo com amostras maiores não foram observadas em outras pesquisas³¹.

O'Gorman sugere que o termo "codependência", mais do que um conceito psicológico de fato validado, parece representar uma necessidade de identidade do movimento social iniciado na década de 1970 e que serviu para empoderar os membros das famílias de usuários de álcool e outras drogas⁹.

Knapek et al. sugerem que a origem da chamada codependência é multifatorial e especulam algumas hipóteses, tais como: a insuficiência do córtex pré-frontal para inibir respostas empáticas, multiplicidade de experiências aversivas em uma família disfuncional, abuso emocional e negligência e alterações na percepção do papel da mulher do dependente químico¹⁴. Entre outras causas aventadas para o desenvolvimento da

codependência, estariam questões psicodinâmicas relacionadas principalmente aos tipos de vinculações afetivas durante a infância e a manifestação de uma forma sutil de direito narcisista⁸.

Miller questiona a capacidade de o conceito de fato ajudar os cônjuges identificados como codependentes e a necessidade de ampliação de outras conceituações¹⁷. No entanto, de uma forma geral, aqueles que se autoidentificam como codependentes, uma vez que recebem suporte, relatam alguns benefícios com relação à mudança de comportamento^{8,36,40}. Estes achados já foram observados em outros estudos que avaliaram desfechos semelhantes e positivos nos grupos Al-Anon²²⁻²⁵.

Entre as principais limitações metodológicas desta revisão, está o fato de que a grande maioria dos estudos não utilizou pesquisa de campo com amostras representativas que possam de fato ser generalizadas. Os estudos de revisão, por sua vez, apoiaram-se também em bibliografia e referências de construções teóricas oriundas de livros (incluindo livros desenvolvidos com a característica de serem de autoajuda), capítulos de livro e textos não indexados.

Assim sendo, o estado da arte atual quanto ao conceito, origem e fatores relacionados à codependência entre os usuários de álcool e outras drogas e seus familiares permanece sujeito a críticas e ceticismo.

CONCLUSÃO

Mais estudos de campo sobre a validação conceitual da codependência e os fatores a ela relacionados devem ser conduzidos, a fim de corroborar sua real utilidade clínica e ampliação de evidência da existência desse fenômeno e, por conseguinte, a inserção do conceito dentro de uma ótica de apoio e suporte aos indivíduos dependentes de substâncias psicoativas e seus familiares.

Artigo submetido em 11/07/2016, aceito em 25/07/2016. Os autores informam não haver conflitos de interesse associados à publicação deste artigo.

Fontes de financiamento inexistentes.

Correspondência: Alessandra Diehl, Rua Borges Lagoa, 570, Vila Clementino, CEP 04038-020, São Paulo, SP. Tel./Fax: (11) 5571.7254. E-mail: alediehl@terra.com.br

¹ Psiquiatra e educadora sexual. Departamento de Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP. Instituto Américo Bairral de Psiquiatria, Itapira, SP. ² Assistente social. Especialista em Dependência Química pela UNIFESP, São Paulo, SP. Instituto Américo Bairral de Psiquiatria, Itapira, SP.

Referências

1. Krupski A, West II, Graves MC, Atkins DC, Maynard C, Bumgardner K, et al. Clinical needs of patients with problem drug use. *J Am Board Fam Med.* 2015;28:605-16.
2. Greenfield TK, Karriker-Jaffe KJ, Kerr WC, Ye Y, Kaplan LM. Those harmed by others' drinking in the US population are more depressed and distressed. *Drug Alcohol Rev.* 2015 Sep 1. doi: 10.1111/dar.12324. [Epub ahead of print]
3. Huhtanen P, Tigerstedt C. Women and young adults suffer most from other people's drinking. *Drug Alcohol Rev.* 2012;31:841-6.
4. O'Farrell TJ, Fals-Stewart W. Family-involved alcoholism treatment. An update. *Recent Dev Alcohol.* 2001;15:329-56.
5. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas (IMPAD), Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD). Levantamento Nacional de Famílias dos Dependentes Químicos [Internet]. 2013 [cited 2016 Jul 08]. inpad.org.br/divulgacao-dos-dados-do-levantamento-nacional-com-familiares-dos-dependentes-quimicos/
6. Payá R. A dependência química na visão sistêmica. In: Payá R. *Intercambio das psicoterapias: abordagens e transtornos.* São Paulo: Roca; 2010. p. 513-22.
7. Payá R. Prevenção e famílias: realidades antagônicas ou complementares? In: Diehl A, Figlie NB. *Prevenção ao uso de álcool e drogas. O que cada um de nós pode e deve fazer.* Porto Alegre: Artmed; 2014. p. 270-88.
8. Izquierdo FM. Codependencia y psicoterapia interpersonal. *Rev Asoc Esp Neuropsiq.* 2002;81:9-19.
9. O'Gorman P. Codependency explored: a social movement in search of definition and treatment. *Psychiatr Q.* 1993;64:199-212.
10. Le Poire BA. Does the codependent encourage substance-dependent behavior? Paradoxical injunctions in the codependent relationship. *Int J Addict.* 1992;27:1465-74.
11. Harkness D, Cotrell G. The social construction of co-dependency in the treatment of substance abuse. *J Subst Abuse Treat.* 1997;14:473-9.
12. Kozma N. [Co-dependency and addictions in close relationships. Theoretical review]. *Psychiatr Hung.* 2009;24:388-413.
13. Stafford LL. Is codependency a meaningful concept? *Issues Ment Health Nurs.* 2001;22:273-86.
14. Knapek E, Kuritárné Szabó I. [The concept, the symptoms and the etiological factors of codependency]. *Psychiatr Hung.* 2014;29:56-64.
15. Gierymki T, Williams T. Codependency. *J Psychoactive Drugs.* 1986;18:7-13.
16. Reagan LL. La codependencia: un problema familiar [Internet]. 2001 [cited 2015 Oct 24]. christianrecovery.com/v/dox/coda.htm
17. Miller KJ. The co-dependency concept: does it offer a solution for the spouses of alcoholics? *J Subst Abuse Treat.* 1994;11:339-45.
18. Westermeyer R. The codependency idea: when caring becomes a disease [Internet]. 2003 [cited 2015 Oct 24]. orange-papers.org/When_Caring_Becomes_a_Disease.pdf
19. Asher R, Brissett D. Codependency: a view from women married to alcoholics. *Int J Addict.* 1988;23:331-50.
20. Cleary MJ. Reassessing the codependency movement: a response to Sorrentino. *Health Care Manage Rev.* 1994;19:7-10.
21. Young LB, Timko C. Benefits and costs of alcoholic relationships and recovery through Al-Anon. *Subst Use Misuse.* 2015;50:62-71.
22. Short NA, Cronkite R, Moos R, Timko C. Men and women who attend Al-Anon: gender differences in reasons for attendance, health status and personal functioning, and drinker characteristics. *Subst Use Misuse.* 2015;50:53-61.
23. Timko C, Cronkite R, Kaskutas LA, Laudet A, Roth J, Moos RH. Al-Anon family groups: newcomers and members. *J Stud Alcohol Drugs.* 2013;74:965-76.
24. Timko C, Cronkite R, Laudet A, Kaskutas LA, Roth J, Moos RH. Al-Anon family groups' newcomers

- and members: concerns about the drinkers in their lives. *Am J Addict.* 2014;23:329-36.
25. Timko C, Laudet A, Moos RH. Al-Anon newcomers: benefits of continuing attendance for six months. *Am J Drug Alcohol Abuse.* 2016;42:441-9.
 26. Timko C, Halvorson M, Kong C, Moos RH. Social processes explaining the benefits of Al-Anon participation. *Psychol Addict Behav* 2015;29:856-63.
 27. Etemadi A, Zarebahrabadi M, Mirkazemi R. Effect of Al-Anon attendance on family function and quality of life in women in Mashhad, Iran. *Am J Drug Alcohol Abuse.* 2015;41:442-8.
 28. Oles J. Alcoholics Anonymous, Al-Anon and Alateen. *J Mich Dent Assoc.* 2012;94:20.
 29. Cermak TL. Al-Anon and recovery. *Recent Dev Alcohol.* 1989;7:91-104.
 30. Noriega G, Ramos L, Medina-Mora ME, Villa AR. Prevalence of codependence in young women seeking primary health care and associated risk factors. *Am J Orthopsychiatry.* 2008;78:199-210.
 31. Dear GE, Roberts CM. Validation of the Holyoake codependency index. *J Psychol.* 2005;139:293-313.
 32. Rotunda RJ, West L, O'Farrell TJ. Enabling behavior in a clinical sample of alcohol-dependent clients and their partners. *J Subst Abuse Treat.* 2004;26:269-76.
 33. Harkness D. To have and to hold: codependency as a mediator or moderator of the relationship between substance abuse in the family of origin and adult-offspring medical problems. *J Psychoactive Drugs.* 2003;35:261-70.
 34. Harkness D. Testing Cermak's hypothesis: is dissociation the mediating variable that links substance abuse in the family of origin with offspring codependency? *J Psychoactive Drugs.* 2001;33:75-82.
 35. Nisikawa K, Tatuki S, Hashimoto N, Yokoyama T, Yasukawa Y. [Relationship between identified patient (IP) with alcoholic problems and familial factors: in reference to family function, codependence, family group and self-help group participation]. *Nihon Arukoru Yakubutsu Igakkai Zasshi.* 1999;34:63-73.
 36. Teichman M, Basha U. Codependency and family cohesion and adaptability: changes during treatment in a therapeutic community. *Subst Use Misuse.* 1996;31:599-615.
 37. Hinkin CH, Kahn MW. Psychological symptomatology in spouses and adult children of alcoholics: an examination of the hypothesized personality characteristics of codependency. *Int J Addict.* 1995;30:843-61.
 38. Hawks RD, Bahr SJ, Wang G. Adolescent substance use and codependence. *J Stud Alcohol.* 1994;55:261-8.
 39. Hernández Castañón MA, Villar Luis MAV. Relación afectiva de mujeres con un esposo alcohólico: un comportamiento social aprendido que repercute en su salud. *Esc Anna Nery.* 2008;12:807-12.
 40. Blanco AER. Resilient women: from victimhood to autotomy case study in the self-help groups codependents anonymous. *Act Colom Psicol.* 2003;16:71-9.
 41. Bortolon CB, Signor L, Moreira Tde C, Figueiró LR, Benchaya MC, Machado CA, et al. Family functioning and health issues associated with codependency in families of drug users. *Cien Saude Colet.* 2016;21:101-7.